

ENTRE A DOR E A VOZ: A ESCRITA DE PAULINA CHIZIANE COMO ESPAÇO DE RECONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

NEUZENIR CELESTINO FERREIRA¹, neuzenircelestino@gmail.com

GERALDO DA APARECIDA FERREIRA¹, geraldo.ferreira@unimontes.br

¹ Unimontes - Universidade Estadual de Montes Claros

Resumo

Introdução: Paulina Chiziane por meio de sua obra, mergulha em dimensões sociais, simbólicas e subjetivas da experiência moçambicana, evidenciando um olhar atento às complexidades das memórias coletivas e às formas ancestrais de narrativa que atravessam gerações. Foi a primeira mulher moçambicana a publicar um romance, inaugurou um espaço fundamental na literatura nacional, resgatando e reinventando modos tradicionais de contar histórias. O poema “Amor e Ódio” está estruturado em três partes, a primeira parte expõe a degradação física e a violência cotidiana, a segunda enfatiza a exploração e controle colonial, enquanto a terceira parte promove uma reflexão crítica sobre a persistência da violência e a busca por reconstrução identitária no pós-colonialismo. **Objetivo:** O presente texto tem como objetivo analisar como, no poema “Amor e Ódio”, Paulina Chiziane representa o corpo feminino como espaço de exclusão e resistência, utilizando uma linguagem crua e subversiva que rompe com padrões estéticos tradicionais. **Materiais e Método:** Este trabalho propõe-se a realizar uma análise qualitativa do poema “Amor e Ódio”, de Paulina Chiziane, buscando compreender, a partir da linguagem poética, a construção do corpo feminino enquanto espaço de resistência e exclusão. **Resultados:** Paulina Chiziane não se orienta pela busca de uma estética convencional ou conformista, pois sua escrita se caracteriza por romper convenções literárias, instigar a reflexão crítica do leitor e, principalmente, expor verdades incômodas e urgentes. No poema, não se observa a busca por uma estética tradicionalmente associada à beleza, ao contrário, a obra revela-se marcada por uma linguagem áspera, crua e imprescindível para a expressão da realidade que pretende denunciar. Em oposição a esse modelo idealizado, o eu lírico inaugura o poema rompendo com as expectativas tradicionais da lírica, que normalmente privilegia a expressão do sublime, do belo e do idealizado, pois ao declarar: “Preciso de um lugar para aliviar este desconforto / Tenho diarreia, não tenho latrina nem penico,” a voz poética coloca em evidência a materialidade do corpo em sua dimensão mais vulnerável e fisiológica, essa exposição direta e crua do corpo contrasta com a historicidade da poesia, que tradicionalmente tende a silenciar ou a reduzir o corpo feminino a representações idealizadas. Além disso, a voz poética, ao expressar-se em primeira pessoa, torna-se um instrumento potente de denúncia e resistência, como no excerto: “Empurram-nos com chicote para o mais absoluto inferno / E gritam-nos incessantemente palavras más”, essa escolha não apenas estabelece uma relação íntima e imediata com o leitor, mas também reivindica uma subjetividade feminina frequentemente marginalizada e silenciada nas tradições literárias ocidentais. A estrutura, dividida em três partes, ultrapassa a mera divisão formal, configurando uma progressão temática que transita da exposição crua da condição física degradada, passa pela vigilância e a exploração colonial, e culmina numa reflexão crítica sobre a persistência da violência e a urgência da reconstrução



identitária. **Conclusão/Considerações Finais:** Dessa forma, o poema não apenas denuncia a violência histórica e a opressão do corpo feminino, mas a produção literária de Paulina Chiziane configura-se como um significativo gesto de resistência cultural, ao confrontar a hegemonia europeia e articular a ressignificação da identidade feminina africana, nesse sentido, o poema contribui para a ampliação das discussões acerca das relações de poder e das dinâmicas identitárias em contextos pós-coloniais.

Palavras-chave: Paulina Chiziane. Desconstrução Estética. Pós-colonialismo.